

TENDÊNCIAS NAS ABORDAGENS DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO ESPECIAL: UMA ANÁLISE CRÍTICO-METODOLÓGICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UERJ

Trends in Special Education research approaches: a critical-methodological analysis of the scientific production of the Graduate Education Program at UERJ

***Bianca F. Cordeiro Santos Fogli**

*Mestre em Educação. Doutoranda pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Diretora de Articulação Institucional da FAETEC.

E-mail: professorabiancafogli@bol.com.br

****Kátiuscia C. Vargas Antunes**

**Mestre em Educação. Doutoranda pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO)

E-mail: katuscia.vargas@hotmail.com

*****Patrícia Braun**

***Mestre em Educação. Doutoranda pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora-Assistente do Instituto Fernandes Rodrigues da Silveira (Cap/UERJ)

E-mail: p.braun@terra.com.br

Material recebido em agosto de 2009 e selecionado em outubro de 2009.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo fazer uma reflexão sobre as abordagens metodológicas utilizadas nas pesquisas em Educação Especial, tomando como referência a produção acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPEd/UERJ). Para tal, foi realizado um levantamento das teses e dissertações produzidas nesta década. Das 47 dissertações e teses localizadas nos

arquivos do programa procuramos identificar quais metodologias de pesquisa foram mais recorrentes nos estudos. Dentre os trabalhos encontrados, as abordagens metodológicas de estudo de caso, pesquisa-ação e etnografia foram predominantes, cada uma delas perfazendo um total de 22% dos trabalhos. Este resultado vem confirmar a predominância de estudos que têm por finalidade uma proposta não apenas de descrição da realidade, mas de intervenção, como acontece na pesquisa-ação. Além disso, o artigo faz uma descrição de cada metodologia citada acima

com exemplos de pesquisa em cada uma delas.

Palavras-Chave: Pesquisa em Educação Especial. Estudo de caso. Etnografia. Pesquisa-Ação. Pós-Graduação *stricto sensu*.

ABSTRACT

This article aims to reflect about the methodological approaches used in research in Special Education, taking as reference the academic production

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jan-Jun/10

84

of the Graduate Education Program of the University of the State of Rio de Janeiro (PROPEd/ UERJ). To this end, it was done a survey of the theses and dissertations produced in this decade. Of the 47 theses and dissertations located in the files of the Program we sought to identify which research methodologies were most frequent in the studies. Among the studies found, the methodological approaches of the case study, action research and ethnography were predominant, each one of them a total of 22% of the work. This result confirms the predominance of studies whose purpose is a proposal not only description of reality, but to intervene, as in action research. In addition, the article gives a description of each method mentioned above with examples of research of each kind.

Keywords: *Research in Special Education. Case-Study. Ethnography. Action-Research.*

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL

Ao longo dos últimos anos, temos presenciado um aumento significativo na quantidade de produções acadêmicas oriundas das pesquisas em Educação no cenário nacional. Conforme relata André (2005), nos últimos vinte anos, observa-se um crescimento no quantitativo de pesquisas em Educação, especialmente devido à expansão dos programas de pós-graduação. Tal crescimento vem

acompanhado de uma diversificação de problemas, objetos de pesquisa, referenciais teóricos e abordagens metodológicas. Ganham força, na área da Educação, pesquisas qualitativas que se valem de metodologias que vão desde estudos antropológicos e etnográficos, até estudos de caso, pesquisa-ação e história de vida.

No contexto das abordagens investigativas sobre a Educação Especial, mais especificamente, é possível identificar uma predominância de estudos que buscam compreender como vem se consolidando o processo de inclusão de pessoas com deficiência na rede regular de ensino. Tal direcionamento vem se dando mais pontualmente a partir da década de 1990, quando são difundidas as políticas mundiais referentes à inclusão escolar, a saber: *Declaração Mundial sobre Educação para Todos e Declaração de Salamanca* (1994).

No Brasil, tal temática se intensificou a partir da promulgação da *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996). Nesse cenário, de acordo com Nunes (2001), as pesquisas direcionadas às pessoas com deficiência se concentram nos programas de pós-graduação *stricto sensu*. Diante dessa constatação, a relevância do papel da Universidade assume não só a perspectiva da produção de conhecimentos, mas também, sobretudo, a condição de disseminá-los para a sociedade. O papel do pesquisador também é marcado pela função social que lhe cabe. Com seus estudos, o pesquisador pode contribuir para

transformar a realidade e propor novas formas de intervenção e práticas. Vale considerar ainda que a função social da pesquisa está relacionada diretamente com as demandas e referências de cada tempo e espaço social, com e nos quais o pesquisador dialoga, investiga. Ou seja, o pesquisador e suas reflexões também acabam por assumir estratégias e direcionamentos de acordo com o meio social, seus valores e questionamentos vividos nesse tempo-espaço. As palavras de Ludke & André reforçam essa afirmação:

Como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Claro está que o pesquisador, como membro de um determinado tempo e de uma específica sociedade, irá refletir em seu trabalho de pesquisa os valores, os princípios considerados importantes naquela sociedade e naquela época. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 3)

Ao longo do tempo, a pesquisa em Educação Especial em nosso país, historicamente marcada por modelos externos, foi paulatinamente rompendo com esta tendência e voltando seu interesse para questões pertinentes à realidade brasileira. Segundo Nunes (2001), entre as principais universidades que contribuem para a pesquisa em Educação Especial no Brasil destacam-se a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), esta última objeto de estudo do presente artigo, que foram as pioneiras na pós-graduação na área.

No âmbito das investigações em Educação Especial no Brasil, a produção de conhecimento tem revelado um número significativo de pesquisas que tematizam a integração/inclusão, enfocando a apresentação e a avaliação de propostas educacionais que preconizam a inclusão de alunos com deficiência na rede regular de ensino e a discussão das políticas públicas na área da Educação

No âmbito das investigações em Educação Especial no Brasil, a produção de conhecimento tem revelado um número significativo de pesquisas que tematizam a integração/inclusão, enfocando a apresentação e avaliação de propostas educacionais que preconizam a inclusão de alunos com deficiência na rede regular de ensino e a discussão das políticas públicas na área da Educação (MENDES; FERREIRA; NUNES,

2003). Entretanto, a maioria dos estudos apresenta tendências gerais que, muitas vezes, não dão conta de fazer uma análise mais pontual das condições de escolarização de alunos com deficiência na escola regular. É neste sentido que Glat & Pletsch (2009) recomendam o desenvolvimento de pesquisas que articulem a organização do sistema escolar com aspectos referentes à relação de ensino-aprendizagem, considerando uma análise mais abrangente das pressões econômicas, políticas, sociais e culturais que configuram a realidade brasileira. Bueno (2005, p. 21) corrobora essa perspectiva afirmando que:

[...] há necessidade do desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre aspectos macro-estruturais [e por outro lado] de estudos qualitativos, procurando investigar processos singulares de escolarização e de sua relação com a inclusão/exclusão escolar [...] sem desconsiderar [as condições macroestruturais] privilegiar como foco as marcas das trajetórias e as condições dos alunos no interior das escolas. (FLAT; PLETSCH, 2009)

A partir dessa exposição inicial, apresentamos então algumas considerações sobre a pesquisa em Educação Especial, analisando a recorrência das abordagens metodológicas utilizadas no contexto dos trabalhos, bem como as possibilidades dessas investigações que se delineiam no cenário da Educação Especial no Brasil, tendo como base para essa reflexão o *locus* de um programa de pós-graduação em educação *stricto sensu*, apresentado a seguir.

PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo revela as principais abordagens metodológicas da produção de teses e dissertações no campo da Educação Especial desenvolvidas na última década (2000-2009) no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPEd - UERJ). Para tal foram considerados os trabalhos que apresentaram temas e objetos de estudo referentes a pessoas com necessidades educacionais especiais, assim como questões pertinentes a essa população-alvo, a saber: formação de recursos humanos, políticas públicas, autopercepção, ensino-aprendizagem, profissionalização, diagnóstico e identificação, inclusão, reabilitação e saúde, relações familiares e sexualidade.

A coleta de dados para este estudo foi organizada a partir de uma análise documental envolvendo dois momentos distintos. Inicialmente, foi realizado um levantamento preliminar das atas de defesa de teses e dissertações no referido período, incluindo os nomes dos autores, temas, orientadores e data de defesa. Em um segundo momento, foi feita a análise das dissertações e teses disponíveis na biblioteca da Faculdade de Educação, tanto no acervo impresso quanto *on-line* da rede Sirius; no banco de teses e dissertações do PROPEd e nos arquivos dos professores orientadores da linha de pesquisa¹.

Realizada a busca das 104 dissertações e teses registradas no PROPEd

¹ A linha de pesquisa em Educação Especial do PROPEd foi recentemente incorporada à Linha de Pesquisa denominada Educação Inclusiva e Processos Educacionais.

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jan-Jun/10

86

-UERJ entre os anos de 2000 e 2009, foram analisadas 47 produções. Esse quantitativo foi assim delineado tendo por base o tema abordado, ou seja, estudos sobre pessoas com necessidades educacionais especiais e temas afins como citado anteriormente. A disponibilidade do material na íntegra também foi relevante para a seleção das teses e dissertações, pois em muitos casos foi preciso acessar o texto completo, uma vez que os resumos não apresentavam claramente os procedimentos ou encaminhamentos da metodologia de pesquisa abordada.

CONTEXTUALIZANDO A PRODUÇÃO ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL NO PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PROPED)

É relevante esclarecer que o recorte aqui apresentado se justifica pelo fato de que a linha de Educação Especial vem acompanhando o Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, desde a sua fundação em 1979, somando-se, em média, 150 produções direcionadas à pesquisa em Educação Especial. E, também, pelo fato de ser essa Universidade, junto com a Universidade Federal de São Carlos, responsável por, aproximadamente, 60% dos trabalhos de pesquisa no campo da Educação Especial nos programas de pós-graduação, como apontado por Nunes *et al.* (1999).

Inicialmente, o Programa de Pós-graduação em Educação foi estruturado por diferentes áreas de concentração, sendo a Educação Especial uma delas. Com a reestruturação curricular, passou a ser organizado por linhas de pesquisa,

consolidando a Universidade como um polo de referência no país em estudos na área.

Atualmente, o Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPEd) é classificado nas agências de fomento de pesquisas como de formação de excelência, com a qualificação “6”. O programa conta com quatro linhas de pesquisa: Cotidiano e Cultura Escolar; Infância, Juventude e Educação; Práticas Educativas e História; Educação Inclusiva e Processos Educacionais, esta última, oriunda da linha de pesquisa Educação Especial.

Em sua proposta de pesquisa e formação, a finalidade do programa não se limita apenas ao processo de construção do conhecimento, mas também à formação de profissionais e educadores capazes de interagir no *locus* social. Nesse sentido, há a indicação do favorecimento de contribuições com reflexões que ajudem no desenvolvimento social e nas interlocuções entre os sujeitos e as dinâmicas que compõem cada espaço analisado e pesquisado.

Desde o início de suas atividades, o Programa de Pós-Graduação em Educação já passou por algumas reformulações em seus eixos, áreas de pesquisa e em sua estrutura curricular. No entanto, a Educação Especial esteve sempre presente na história do programa.

[...] apesar dessas modificações, a Educação Especial (anteriormente enquanto área de concentração, e agora como eixo temático) manteve-se sempre presente desde a primeira proposta do curso, se tornando, por assim dizer, um dos ‘carros-chefe’ do programa. De fato, cerca de 1/3 dos alunos de cada turma pertence ao eixo de Educação Especial, e a procura é cada ano maior tanto em termos de quantidade de candidatos quanto do nível acadêmico dos mesmos. No último concurso de seleção

para a turma de 1994, por exemplo, aproximadamente 20% dos 215 candidatos estavam interessados na área, e dos 30 aprovados, 10 são de Educação Especial. (GLAT, 1993, p. 159).

Os motivos para tal procura podem estar relacionados a dois fatos: primeiro, por ser este programa um centro de referência na pesquisa, investigação e formação de recursos humanos, nessa área; segundo, em decorrência do atual cenário das políticas públicas em Educação, as quais têm considerado a perspectiva da Educação Inclusiva. Neste aspecto, torna-se relevante o quantitativo de pesquisas que revelam as dificuldades do professor ao se deparar com o cotidiano escolar inclusivo, como já afirmado por diversos autores (MENDES, 2002; GLAT; FERREIRA; OLIVEIRA; SENNA, 2003; BAPTISTA, 2006; JESUS *et al.*, 2007; PLETSCH; BRAUN, 2008; entre outros).

COMPREENDENDO O REFERENCIAL TEÓRICO- METODOLÓGICO UTILIZADO NAS PESQUISAS

Para a presente análise, procuramos identificar nas 47 dissertações e teses quais metodologias de pesquisa foram recorrentes. Conforme já mencionado, dentre os trabalhos investigados, as abordagens metodológicas de etnografia, estudo de caso e pesquisa-ação foram predominantes. Cada uma dessas somou um total de 22% dos trabalhos, ou seja, 11 trabalhos entre dissertações e teses para cada abordagem acima mencionada.

Além desses três tipos de investigação, a pesquisa descritiva também foi uma das abordagens bastante utilizadas, com um quantitativo de

nove trabalhos, correspondendo a um percentual de 18%. Em seguida encontramos a história de vida (8%), a pesquisa quase experimental (6%) e, por último, a pesquisa causal-comparativa (2%).

As metodologias citadas podem ser compreendidas como: Descritiva—aquela que busca descrever sistematicamente os fatos e as características de uma dada população ou de uma área de interesse de forma factual e acurada; examina um pequeno número de variáveis em uma larga amostra-; Quase experimental – a que se aproxima das condições da experimentação verdadeira em um local que não permite o controle e/ou manipulação de todas as variáveis relevantes-; Causal-comparativa - a que investiga possíveis relações de causa e efeito através da observação de consequências existentes e procurando, através de dados, fatores causais plausíveis; contrasta com o método experimental no qual os dados são coletados sob condições controladas presentes-; e História de Vida, a qual, segundo Glat (1989), pode ser definida como uma metodologia de pesquisa em que o pesquisador sai do lugar de “dono do saber”, como destaca a autora, de seu “pedestal”, e passa a ouvir o que os sujeitos têm a

dizer sobre eles mesmos, considerando o que eles acreditam ser importante para si mesmos. Um dos objetivos da história de vida é encontrar nas biografias dos sujeitos aspectos que revelam as características sociológicas da sociedade em que estão inseridos. Isso possibilita ao pesquisador encontrar sempre um fio condutor que caracteriza o grupo ao qual os sujeitos pesquisadores pertencem.

Com a finalidade de caracterizarmos detalhadamente as três metodologias de pesquisa mais recorrentes, faremos a seguir uma breve conceituação sobre essas abordagens metodológicas, exemplificando com algumas pesquisas sua aplicabilidade e temas abordados, por exemplo.

A *etnografia* é um tipo de investigação que surgiu a partir de estudos antropológicos que tinham por finalidade pesquisar a sociedade e sua cultura. Os etnógrafos realizam um trabalho descritivo, destacando os componentes culturais, os hábitos, os comportamentos, as linguagens e os significados que os sujeitos de determinada sociedade dão a esses componentes (ANTUNES, 2007).

As ações e relações são intermediadas pela cultura e esta se constitui numa teia de significados que os homens vão tecendo no desenrolar

da história. Daí a necessidade de considerar a cultura como um dado importante na análise da pesquisa (GEERTZ, 1989). Para este autor, o trabalho etnográfico é a construção da leitura de um texto “cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos” (1989, p. 7).

A perspectiva etnográfica na escola visa compreender o que acontece no espaço escolar e/ou no espaço da sala de aula, sem desconsiderar os movimentos e as relações produzidas no cotidiano da escola. Isso transcende as questões que se relacionam diretamente com o processo ensino-aprendizagem (ANDRÉ, 1995). Ao ler as dinâmicas do cotidiano dos alunos com deficiência incluídos nas turmas comuns, das práticas sociais e pedagógicas, por exemplo, coloca-se o esforço interpretativo para produzir um relato fundamentado nos aspectos significativos dos contextos investigados.

Outra característica da pesquisa etnográfica é o fato de usar um plano de trabalho aberto e flexível, “em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta de dados reavaliadas, os instrumentos reformulados e os fundamentos teóricos repensados” (ANDRÉ, 1995, p.30) .

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jan-Jun/10

88

Um fator importante da etnografia é o contato direto que o pesquisador estabelece com o objeto ou a situação pesquisada. Nesse contexto, é preciso considerar que o pesquisador traz consigo uma experiência de vida marcada por valores e crenças, o que torna o seu trabalho de pesquisa muito difícil. Difícil, pois muitas vezes o pesquisador se depara com situações que contrariam seus princípios, valores, expectativas e faz com que sejam abandonadas certezas que historicamente fizeram parte de sua vida (ANTUNES, 2007). Assim, conforme destaca André (1995), o pesquisador precisa estar ciente de que seus valores, crenças e vivências afetam a construção do objeto de pesquisa, por isso tem de estar constantemente (des)construindo e (re)construindo seus próprios valores.

Dentre as pesquisas analisadas, com a abordagem etnográfica, há os trabalhos de autores como Plestch (2005), Dias (2006), Suplino (2007), Antunes (2007) e Plestch (2009). Como exemplo, citamos o trabalho acadêmico produzido por Plestch em sua dissertação de mestrado *O Professor Itinerante como Suporte para Educação Inclusiva em Escolas da rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro* (2005). Participaram da pesquisa duas professoras itinerantes² que atuam em três escolas municipais localizadas na Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro. Foram utilizados como

instrumentos de coleta de dados a observação participante³, a análise de documentos, a microanálise⁴ e entrevistas (abertas e semiestruturadas). Os dados evidenciaram que o trabalho realizado pelas professoras itinerantes desempenha diversas funções no ambiente escolar, indo além do suporte aos professores regulares e do auxílio aos alunos especiais incluídos. Na prática, elas atuam como agentes de mediação, sensibilização e mobilização pró-inclusão.

Outra abordagem recorrente no conjunto de produções é a metodologia do estudo de caso, muito utilizada também em diferentes áreas como medicina, antropologia, sociologia, serviço social, entre outras. Na Educação, ainda que sua utilização

seja recente, em pouco tempo tem se revelado como um método de pesquisa recorrente nas investigações sobre o espaço escolar.

A definição dessa metodologia (assim como a pesquisa-ação, que será apresentada a seguir) apresenta aspectos amplos, os quais, muitas vezes, podem conduzir seus usuários a interpretações demasiadamente simplificadas do método, ou equivocadas de seus procedimentos. Vale frisar que todo processo metodológico tem características que lhe garantem um rigor técnico, que, por consequência, garante à pesquisa sua validade científica no âmbito em que se estabelece.

Alves-Mazzotti (2006, p. 639) é clara em sua análise sobre o uso do

Um fator importante da etnografia é o contato direto que o pesquisador estabelece com o objeto ou a situação pesquisada. Nesse contexto, é preciso considerar que o pesquisador traz consigo uma experiência de vida marcada por valores e crenças, o que torna o seu trabalho de pesquisa muito difícil. Difícil, pois muitas vezes o pesquisador se depara com situações que contrariam seus princípios, valores, expectativas e faz com que sejam abandonadas certezas que historicamente fizeram parte de sua vida.

² Os professores itinerantes atuam juntamente com o professor da classe regular dando todo apoio necessário para viabilizar a inclusão do aluno com necessidades especiais na classe regular.

³ A natureza da observação participante é um método que envolve participação ativa com aqueles que são observados. O pesquisador está consciente de que o que está sendo visto é a execução de um entre vários conjuntos de possibilidades humanamente disponíveis para organizar a interação social que está sendo observada (André, 1995, p.18).

⁴ A microanálise pode ser definida como “o estudo da interação através da análise etnograficamente orientada por registros audiovisuais (...), [que serve para] documentar os processos interativos em detalhes e precisão ainda maiores do que é possível com a observação participante” (MATOS, 2004, p. 23).

estudo de caso como metodologia, ao afirmar que as questões dúbias quanto à forma de implementação dessa abordagem de investigação parecem estar associadas a equívocos da literatura sobre o tema. Um exemplo dessa interpretação, segundo essa pesquisadora, é a compreensão de alguns autores ao caracterizarem essa abordagem como um tipo de pesquisa “mais fácil, pelo fato de lidar com poucas unidades”, ou seja, com uma população-alvo menor, por exemplo. Contudo, essa percepção oculta, na verdade, a complexidade com a qual se lida nesse tipo de pesquisa, bem como as dificuldades advindas de sua prática.

O tempo necessário para que sejam validadas e configuradas as informações, em campo; o cuidado com as inferências pessoais do investigador sobre o foco analisado; a seleção dos critérios para determinar a identificação; o esclarecimento da circunstância ou população analisada; a forma de compreender os fatos que surgem - ou, como diria Alves-Mazzotti (2006), de perceber a urgência com que a situação, a realidade se destaca, sem comprometer a com percepções políticas ou temporais - são alguns fatores que revelam o grau de dificuldade e de empenho necessários para levar a cabo uma investigação desse porte.

Como é sabido, o estudo de caso se configura como uma forma de pesquisa, que inclui, usualmente, observação, entrevistas, fotografias, gravações, documentos, anotações de campo, entre outros instrumentos para a coleta de dados. No entanto, os esquemas formados pela seleção de duas ou mais formas desses instrumentos não podem ser entendidos e aplicados como simples formas de coleta de dados iniciais. Nas palavras

de André (1984, p. 51), “estudos de caso não podem ser tomados simplesmente como esquemas pré-experimentais de pesquisa. Embora eles sirvam muitas vezes para indicar variáveis que são manipuladas e controladas em estudos experimentais, essa não é a sua única função”.

As pesquisas que envolvem essa metodologia precisam se apropriar das técnicas adequadas ao contexto focado na investigação, pois o “caso” tanto pode se configurar como um episódio individual quanto coletivo. Nesse sentido, há que se considerar o cenário, as circunstâncias sociais e os atores envolvidos para a compreensão, elucidação ou reflexão sobre as questões que possam emergir do espaço-tempo apresentado por uma determinada situação, acontecimento.

Em relação a essa abordagem metodológica verificamos a predominância dessa metodologia em autores como Oliveira (2000), Valadão (2001), Sant’Anna (2001), Vargas (2001), Figueira (2004), Gomes (2006), Oliveira (2007), Souza (2007). Estes estudos abordam, em sua maioria, questões relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem, formação de professores e integração/inclusão. Também encontramos a combinação do estudo de caso com outros enfoques, em especial o etnográfico em Lira (2004), Machado (2005) e Fontes (2007). O conjunto dessas pesquisas versa, por exemplo, sobre temas como: autismo e escolarização; inclusão e bidocência.

Nesse sentido, para exemplificar essa abordagem metodológica, destacamos o estudo de Fontes (2007), a qual pesquisou sobre a Educação Inclusiva no município de Niterói, enfocando as experiências de sala de aula e o desafio do ensino colaborativo. Seus estudos mostraram que a

discussão sobre a Educação Inclusiva na rede regular de ensino de Niterói encontra-se restrita à Coordenação de Educação Especial, ficando a margem da discussão mais geral da educação. Além disso, evidenciou aspectos importantes sobre a cultura escolar e prática pedagógica dos professores. Suas conclusões apontam para a importância do investimento em políticas educacionais que enfoquem o ensino colaborativo com um planejamento integrado e articulado com toda a equipe escolar para que uma efetiva política de inclusão aconteça.

Finalizando a análise das abordagens metodológicas recorrentes nas pesquisas, citamos a *pesquisa-ação*. Embora ainda sendo alvo de críticas em alguns círculos acadêmicos, a pesquisa-ação vem ocupando espaço significativo na produção científica da pós-graduação. Esta abordagem metodológica se caracteriza por ser organizada a partir de um ciclo que se inicia com a evidência de um problema. Com a identificação do que precisa ser mudado, uma ação é planejada e posta em prática, sendo constantemente observada em suas implicações e mudanças, de forma que possibilite apreender melhor tanto sobre a ação implementada quanto sobre a investigação realizada. Ou seja, esse ciclo vai tomando a forma espiralada por se caracterizar como uma reflexão contínua sobre uma mudança, a qual começa a partir de um ponto, um problema específico, mas que se desenrola e ascende em suas ações, na medida em que essas ações são avaliadas em sua eficácia, o que acaba por apresentar novos elementos e informações, novos planejamentos de ações, novas observações, avaliações e assim sucessivamente (BRAUN, 2009).

ATUALIDADES EM EDUCAÇÃO

INES

ESPAÇO

Jan-Jun/10

90

Algumas das críticas levantadas sobre o rigor científico da pesquisa-ação têm sido alvo de reflexão por diversos autores. Franco (2005), por exemplo, ressalta o fato de que as diferentes interpretações consideradas pesquisa-ação têm suscitado um “mosaico de abordagens metodológicas, que muitas vezes se operacionalizam na práxis investigativa, sem a necessária explicitação de seus fundamentos teóricos” (p. 485), o que compromete seriamente a validade dos estudos, uma vez que apresenta incongruências entre a teoria e o método. Corroborando essa percepção, Tripp (2005) atenta, primeiro, para o significado com que o termo pesquisa-ação tem sido usado, sendo muitas vezes caracterizado de forma tão ampla e vaga que o deixa “sem sentido”. E, em segundo lugar, chama a atenção para o equívoco de identificar qualquer forma de reflexão sobre a ação como pesquisa-ação.

Vale firmar que a pesquisa-ação, desde as origens de sua aplicação, se fez presente a partir de investigações com interesses derivados do cotidiano e na transformação social, ainda que inserida em uma abordagem experimental de campo. Essas investigações deram margem a novas perspectivas de pesquisa, mais pautadas na colaboração dos sujeitos envolvidos, como a pesquisa participante, favorecendo um novo olhar sobre o *locus* investigativo e suas relações (FRANCO, 2005).

Como bem afirma Monceau (2005, p. 471): “Lewin postulava ser necessário atuar sobre a realidade para conhecê-la” e desse modo ele favoreceu “a transição entre duas metodologias: a classicamente experimental do laboratório e a da pesquisa-ação”. Mais tarde, a partir

da década de 1980, deu-se a utilização deste tipo de investigação com finalidade de mudança e melhoria da prática docente.

No Brasil, segundo Franco (2005, p. 485-486), a pesquisa-ação tem se caracterizado no contexto investigativo de, pelo menos, três formas de apresentação diferentes: *pesquisa-ação colaborativa*: quando a transformação é solicitada pelo grupo de referência à equipe de pesquisadores; *pesquisa-ação crítica*, que se caracteriza pelo fato de a transformação ser percebida a partir dos trabalhos iniciais do pesquisador com o grupo, e a *pesquisa-ação estratégica*, na qual, ao contrário das anteriores, a transformação é planejada previamente, sem a participação dos sujeitos. No entanto, independente da tipificação ou caracterização das formas de se fazer a pesquisa-ação, é preciso considerar o seu formato “cíclico-espiral”.

A definição da pesquisa-ação no campo da Educação perpassa alguns aspectos que têm sido comuns a teóricos e pesquisadores nas últimas duas décadas. Entre estes, é considerada uma pesquisa que promove a participação de todos os envolvidos (pesquisador e sujeitos); isto é, torna-se um processo multidirecionado na medida em que privilegia a articulação das descobertas, das problematizações e discussões no coletivo e no cotidiano em que o processo investigativo ocorre. Ilustrando a relevância sobre o caráter coletivo da pesquisa-ação, nos últimos quinze anos, pesquisadores têm apresentado a validade da construção de conhecimentos a partir de um espaço coletivo de investigação, instrução e formação (PLETSCH; GLAT, 2009; MELLO; MARTINS; PIRES, 2008; JESUS, 2008; TRIPP, 2005;

FRANCO, 2005; PIMENTA, 2005; MONCEAU, 2005; BARBIER, 2002; ZEICHNER, 2002).

Nessa perspectiva, parece ser uma concordância o fato da abordagem de pesquisa-ação poder oferecer subsídios para respaldar a importância da interação entre pesquisador e participantes como um modo de buscarem as soluções pertinentes e eficientes às questões evidenciadas em um cotidiano real e vivenciado, balizando, ainda, diretrizes para uma ação transformadora. Ou seja, nesta abordagem, os participantes compartilham com a equipe de pesquisa tanto as ideias a serem implementadas como as responsabilidades com o processo construído. A título de confirmação dessa percepção, Thiollent, por exemplo, diz que pesquisa-ação é:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1994, p. 14)

Assim, diante das diferentes abordagens de pesquisa-ação, podem ser vislumbradas possibilidades de compartilhar ações e percepções advindas delas, favorecer o diálogo entre professores, entre a escola e a universidade, bem como possibilitar a efetivação de uma rede entre saberes e práticas. Em suma, esta abordagem pode colaborar para a melhoria da formação do professor e do pesquisador, bem como para o desenvolvimento de novas abordagens educacionais. Mas, ainda que saibamos das vantagens que a pesquisa-ação pode trazer, é preciso ter a noção de que essa é somente

uma das estratégias que podem permitir transformações no campo de sua aplicação.

Em relação à pesquisa-ação, destacamos dentre as pesquisas investigadas, autores como: Pelosi (2000), Souza (2001), Weiss (2003), Castro (2004), França (2005) e Oliveira (2008). Nesses estudos, a temática aborda áreas, por exemplo, como: comunicação alternativa, identificação da deficiência mental, educação física, informática e educação especial, autismo e altas habilidades e família.

A título de ilustração para essa abordagem, destacamos o estudo de Oliveira (2008). Seu trabalho aborda a temática da avaliação dos alunos com necessidades especiais, apontando para a necessidade de se estabelecer uma nova prática avaliativa no cotidiano da escola. Suas conclusões indicam tensões conceituais sobre o aluno com deficiência e as suas possibilidades de aprendizagem, com o predomínio da visão clínica dentre os aspectos críticos da avaliação desses alunos, especialmente quando estão inseridos numa classe regular. Observou-se, ainda, que na prática do professor existem dificuldades para a identificação das necessidades educacionais especiais dos alunos com deficiências, principalmente no tocante à avaliação da aprendizagem.

A autora destacou, também, que as dificuldades no processo de avaliação inicial do aluno com deficiências para ingresso na turma comum podem ser relativizadas e até desfeitas, com a participação da Educação Especial por meio de professores de apoio. A atuação desses professores, em colaboração com os professores regentes das turmas comuns, pode redimensionar as possibilidades de escolarização desses alunos, através da avaliação e elaboração do planejamento diário.

A partir do levantamento das abordagens metodológicas, passamos então a investigar quais foram os principais instrumentos de coleta de dados utilizados pelos pesquisadores. As análises apontam para uma forte tendência de utilização da observação de campo. Os questionários aparecem como o segundo instrumento mais utilizado, perfazendo um total de seis trabalhos. Os modelos de questionário incluíam *fechado* e *surveys* (ambos com 16,67%) e *semiabertos* (66,67%). É importante ressaltar a diferença de frequência entre este último instrumento e os demais, que confirma a tendência já mencionada do predomínio da modalidade de pesquisa qualitativa no campo da Educação. O uso de entrevistas também é recorrente nos estudos,

sendo que 77,42% correspondem a entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio ou vídeo. Além desses instrumentos, os diários de campo foram bastante utilizados pelos pesquisadores, o que se justifica pela predominância de pesquisas com abordagem etnográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E APONTAMENTOS PARA FUTUROS ESTUDOS

A proposta deste artigo foi investigar o conjunto de teses e dissertações da última década defendidas no Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ (PROPEd). O foco da análise foi as diferentes abordagens metodológicas que os pesquisadores utilizaram em seus estudos. Como verificado, as pesquisas qualitativas foram predominantes, com especial destaque para as metodologias de pesquisa pautadas na etnografia, estudo de caso e pesquisa-ação. Essas abordagens se concretizam em estudos que apresentam o objetivo de compreender o contexto da Educação Especial brasileira e, especialmente, propor, em alguma medida, intervenções na realidade estudada, como é o caso da pesquisa-ação.

Sabemos que o campo de pesquisa em Educação Especial no Brasil vem assumindo um lugar de destaque no cenário da pós-graduação *stricto sensu*, e o aumento no quantitativo das pesquisas vem comprovar a relevância deste campo de estudos. Não apenas do ponto de vista acadêmico, mas sobretudo social, as pesquisas em Educação Especial têm contribuído para o avanço do processo de inclusão escolar de pessoas com necessidades especiais.

Sabemos que o campo de pesquisa em Educação Especial no Brasil vem assumindo um lugar de destaque no cenário da pós-graduação *stricto sensu*, e o aumento no quantitativo das pesquisas vem comprovar a

relevância deste campo de estudos. Não apenas do ponto de vista acadêmico, mas sobretudo social, as pesquisas em Educação Especial têm contribuído para o avanço do processo de inclusão escolar de pessoas

com necessidades especiais. Como apontamos no início deste texto, o pesquisador tem o compromisso social de divulgar o conhecimento produzido nas Universidades para as escolas, instituições não escolares e demais espaços que se dedicam a “atender” às pessoas com deficiência.

Este artigo deixa, então, um espaço aberto para futuras análises e novas investigações, que certamente contribuirão para o avanço da pesquisa em Educação Especial no Brasil. Novas pesquisas e abordagens metodológicas diferenciadas somam-se ao conhecimento que vem sendo historicamente produzido por pesquisadores comprometidos não somente com os estudos teóricos, mas especialmente com a estreita relação entre teoria e prática e, mais do que isso, com a transformação social.

Referências bibliográficas

- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB* (Lei n.º 9394/96). 20 de dezembro de 1996.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Usos e abusos do estudo de caso. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 129, set./dez, 2006.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. Estudo de caso: seu potencial para a educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 49, maio, 1984.
- _____. *Etnografia da prática escolar*. Campinas – São Paulo: Papyrus, 1995.
- _____. Pesquisa em educação: questões de teoria e método. *Revista Educação e tecnologia*, Belo Horizonte, v.10, a. 1, p. 29-35, Jan./jun., 2005.
- ANTUNES, K. C. V. *Educação Inclusiva e acessibilidade: o espaço escolar em questão*. Rio de Janeiro: PUBLIT/ Coleções FESO, 2007.
- BAPTISTA, C. (Org). *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. Porto Alegre: Mediação, 2006
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.
- BRAUN, P. *O lócus teórico da pesquisa-ação e a formação do professor para ensinar a todos*. (no prelo) 2009.

BUENO, J. G. Processos de inclusão/exclusão escolar, desigualdades sociais e deficiência. In: JESUS, D. M.; BAPTISTA, C. R. & VICTOR, S. L. (Orgs.) *Pesquisa e Educação Especial: mapeando produções*. Espírito Santo: Edufes, 2005, p. 105-123.

DIAS, V. L. L. *Compreendendo a barreira do silêncio: interações de uma aluna surda incluída em uma classe regular de ensino fundamental*. 2006. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

FIGUEIRA, A. A. *O corpo (com) sentido na educação do autismo: em direção a uma política de inclusão*. 2004. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

FONTES, R. S. *A educação inclusiva no município de Niterói (RJ): das propostas oficiais às experiências em sala de aula – o desafio da bidocência*. 2007. Tese. (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

FRANÇA, M. M. B. C. *Altas habilidades: o prisma da família*. 2005. Dissertação. (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

FRANCO, Maria Amélia S. Pedagogia da pesquisa-ação. In.: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, 2005.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GLAT, R. *Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental*. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

_____. O curso de Mestrado em Educação da EURJ: caracterização do eixo temático de Educação Especial. *Em Aberto*. Brasília, a.13, n.60, outubro/dezembro, 1993

_____; FERREIRA, J. R; OLIVEIRA, E. da S. G. & SENNA, I. A. G. *Panorama Nacional da Educação Inclusiva no Brasil*. Relatório de consultoria técnica, Banco Mundial, 2003. Disponível em: www.cnotinfor.pt/projectos/worldbank/inclusiva. Acesso em: novembro de 2003.

GOMES, M. R. *Estudo descritivo de uma prática interativo-reflexiva para professor em formação inicial: subsídios para formação de professor de crianças surdocegas e aquelas com deficiência múltiplas*. 2006. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

JESUS, Denise M.; BAPTISTA, C. R.; BARRETO, Maria Aparecida; VICTOR, Sonia L. (Orgs). *Inclusão, práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa*. Porto Alegre: Mediação/Prefeitura Municipal de Vitória/CDV/FACITEC, 2007.

JESUS, Denise M. de. O que nos impulsiona a pensar a pesquisa-ação colaborativo-crítica como possibilidade de instituição de práticas educacionais mais inclusivas? In: BAPTISTA, C. R.; CAIADO, K. R. M.; JESUS, D. M. de (Orgs). *Educação Especial: diálogo e pluralidades*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008, p. 139-159.

LIRA, S. M., *Escolarização de alunos com transtorno autista: historias de sala de aula*. 2004. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.



MACHADO, K. S. *A prática da inclusão de alunos com necessidades especiais em classe regular: um estudo de caso com abordagem etnográfica*. 2005. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

MATTOS, C. L. G. Etnografia e interacionismo simbólico na pesquisa educacional: uma síntese possível. In: *I Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa*, Taubaté, p. 5, 2004.

MELLO, Francisco R. L. Vieira de; MARTINS, Lúcia de A. R.; PIRES, José. Experiências de intervenção em prol da inclusão de alunos com paralisia cerebral: constatações a partir de ma pesquisa-ação. In.: MARTINS, Lúcia de A. R.; PIRES, José; PIRES, Gláucia; MELLO, Francisco R. L. Vieira de. (Orgs) *Inclusão: compartilhando saberes*. 3. ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2008, p. 141-148.

MENDES, E.G. Perspectivas atuais da educação inclusiva no Brasil. *Anais do III encontro de Educação Especial da UEM*. Maringá: Ed. UEM. p.15-37, 2001.

_____. Desafios atuais na formação do professor em educação especial. In: *Revista Integração*. vol. 24, ano 14, Brasília: MEC / SEESP, p. 12-17. 2002.

_____; FERREIRA, J. R.; NUNES, L. R. O. de P. *Integração/Inclusão: o que revelam as teses e dissertações em Educação e psicologia*. In: NUNES, F. de P. *Inclusão Educacional: pesquisa e interfaces*. Rio de Janeiro: Livre expressão, 2003.

MONCEAU, Giles. Transformar as práticas para conhecê-las: pesquisa-ação e profissionalização docente. In.: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 467-482, 2005.

NUNES, L. R. D. O. P.; Glat, R.; Ferreira, J. R.; Mendes, E. G. *Pesquisa em Educação Especial na Pós-Graduação*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

NUNES, F. de P.; NAUJORSKS, M. I. *Pesquisa em Educação Especial: o desafio da qualificação*. São Paulo: EDUSC, 2001.

OLIVEIRA, L.A.O. *Eu e o outro: o cotidiano escolar enquanto espaço de construção da identidade de crianças portadoras da síndrome de Down: um estudo de caso*. 2000. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

OLIVEIRA, F. G. *Comunicação alternativa e afasia: isso dá liga!* 2007. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

OLIVEIRA, M. C. *Avaliação de necessidades educacionais especiais: construindo uma nova prática escolar*. 2008. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

PELOSI, M.D.O. *A comunicação alternativa e ampliada nas escolas do Rio de Janeiro: formação de professor e caracterização dos alunos com necessidades educacionais especiais*. 2000. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

PLETSCH, Márcia D.; BRAUN, Patrícia. A inclusão de pessoas com deficiência mental: um processo em construção. In: *Revista Democratizar*: Rio de Janeiro, 2008, p. 1-12

_____; GLAT, Rosana. *Pesquisa-Ação: estratégia de formação continuada para favorecer a inclusão escolar*. Mimeo, 2009.

_____. *Repensando a inclusão escolar de pessoas com deficiência mental: diretrizes políticas, currículo e práticas pedagógicas*. 2009. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

_____. *O professor itinerante como suporte para educação inclusiva em escolas da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

SANT'ANNA, H. M. *Cidadania e exclusão, a representação social da inteligência em portadores de altas habilidades*. 2001. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

SOUZA, A. S. *Educação para todos: atendendo às diferenças reestruturando a identificação da deficiência mental no município de queimados*. 2001. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

SUPLINO, M. H. F. O. *Retratos e imagens das vivências inclusivas de dois alunos com autismo em classe regulares*. 2007. Tese. (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. In.: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v, 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

UNESCO. *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br> Acesso em: 20 de novembro de 2004.

VARGAS, S. A. *Ensino na atividade física para pessoas idosas portadoras e não portadoras de deficiência visual: análise da comunicação*. 2001. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

WEIS, A. M. L. *A hora e a vez do professor: desafios da formação reflexiva através da informática em educação especial*. 2003. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

ZEICHNER, Kenneth; DINIZ-PEREIRA, Júlio E. Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. In.: *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 125, 2003, p. 63-80.